

# Retrato do adorável Lalau

por MÔNICA SINELLI

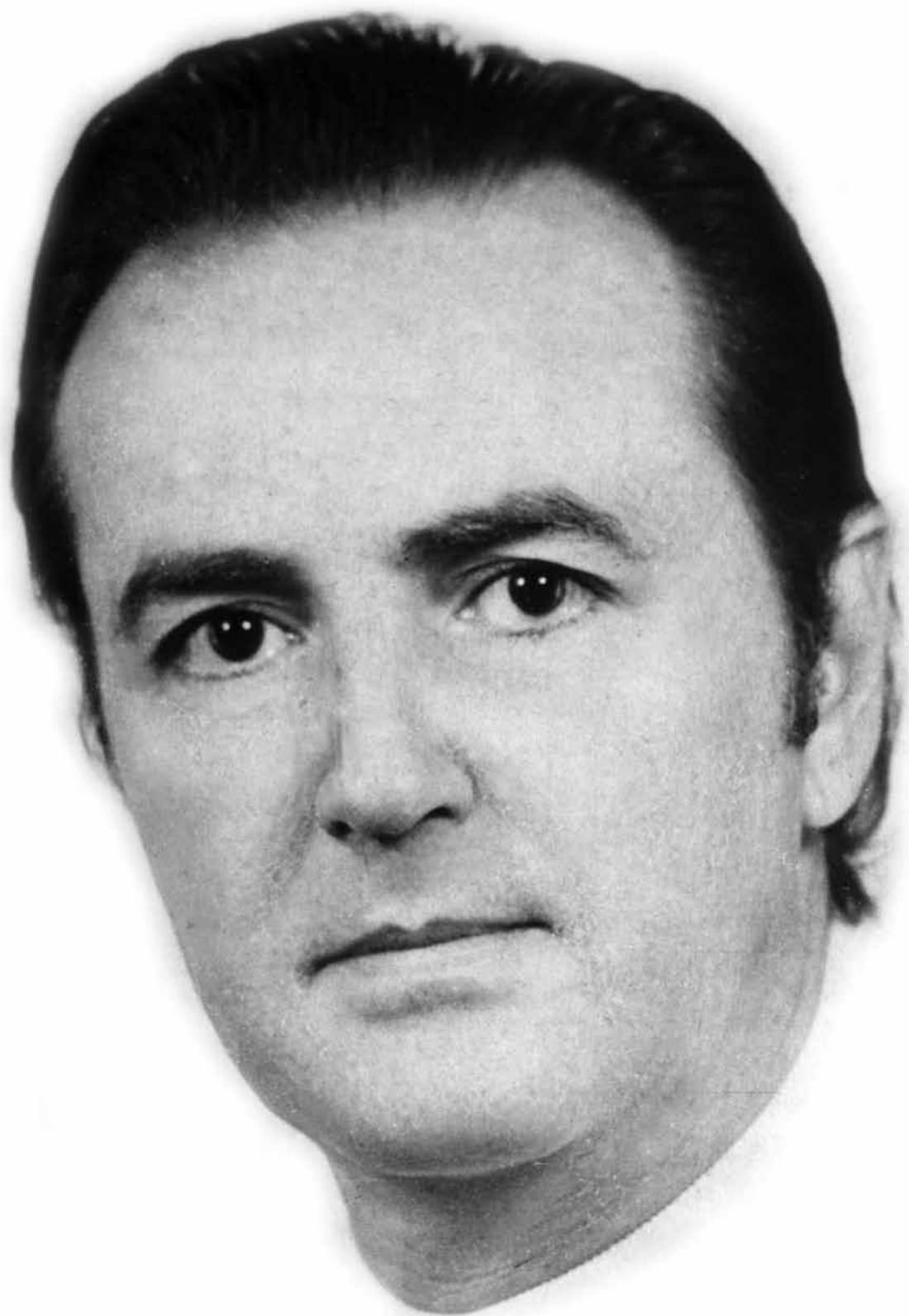
Sérgio Marcus Rangel Porto, Sérgio Porto, Stanislaw Ponte Preta ou, simplesmente, Lalau. Vários são os nomes para identificar esse escritor, cronista, radialista e compositor carioca, falecido no emblemático ano de 1968. Mas, único, o talento para retratar o espírito do Rio em seu lado mais sarcástico e perspicaz.

Para homenagear a figura intimamente associada à vida irreverente da cidade, o Instituto Cultural Cravo Albim (ICCA) abrigou, de 22 de outubro a 9 de dezembro, uma exposição a partir do precioso acervo doado ao Instituto por um de seus amigos mais chegados, o quase enteado, Arthur Rêgo Lins Neto. A mostra revelou um rico e diversificado material, a começar pelo manuscrito original do Samba do crioulo doido, lançado pelo Quarteto em Cy em 1968 e que ficou famoso por embolar, com fina ironia, personagens históricos em situações sem pé nem cabeça. Na letra, Sérgio Porto brincava com as confusas narrativas traduzidas pelos sambas-enredo da época e reconstituía a maluquice: “Foi em Diamantina / Onde nasceu JK / Que a princesa Leopoldina / Arresolveu se casá / Mas Chica da Silva / Tinha outros pretendentes / E obrigou a princesa / A se casar com Tiradentes”.

Caixas de fitas de rolo com seleções de músicas gravadas pessoalmente pelo grande musicólogo, amante do jazz e integrante ativo do Conselho

Superior de MPB do Museu da Imagem e do Som (MIS), com anotações de próprio punho, relacionando títulos, autores e cantores de cada faixa, também estiveram expostas. Entre as quais, O barquinho (Menescal e Bôscoli), na voz de Peri Ribeiro; Insensatez (Tom Jobim e Vinícius de Moraes), interpretada por João Gilberto; e “Diz que fui por aí” (Zé Kéti), com Nara Leão. “As músicas foram registradas num gravador semiprofissional





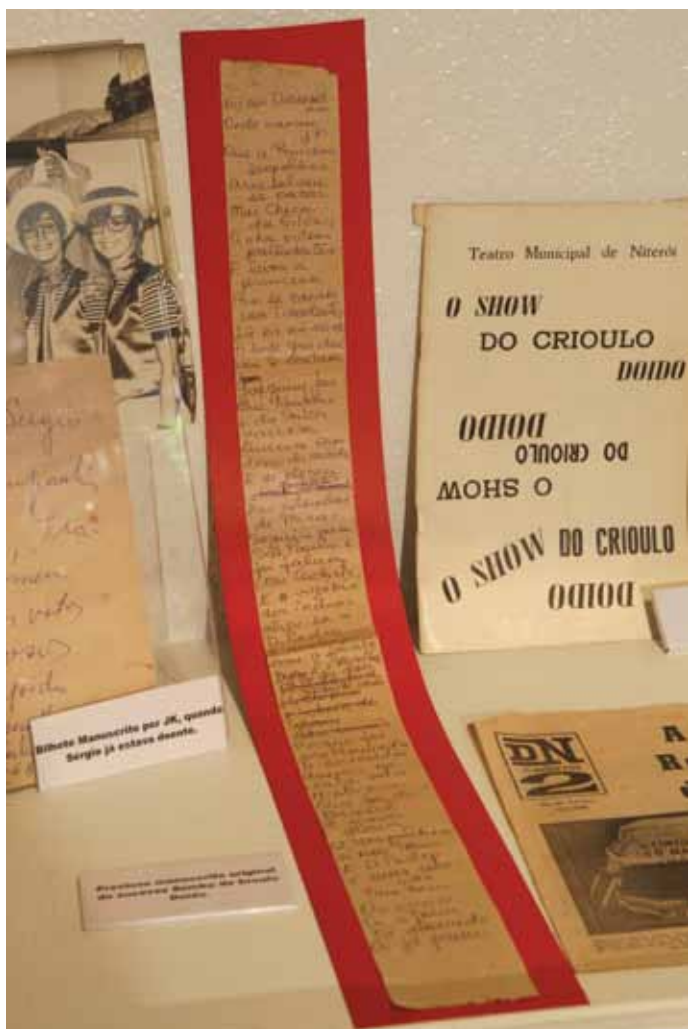
trazido do Japão por Rosinha de Valença, que havia sido lançada por ele, para presentear-lo. Sérgio tinha a maior coleção de jazz do Brasil, com oito mil discos”, reporta Arthur.

Caricaturas feitas pelo jornalista na casa do escritor Jorge Amado (*Le serpent du genesis*) – além de duas originais assinadas pelo cartunista Lan –, bilhete escrito pelo presidente JK quando Sérgio estava doente, manuscritos de livros e peças, reportagens, fotos ao lado de nomes como Monsueto, Silvio Caldas e Carlos Machado, cartas de amor para a namorada Elza e até uma insuspeita carteira da Associação Cristã de Moços compuseram outras peças preciosas da exposição.

**festival de besteiras**

Nascido a 11 de janeiro de 1923, filho de Américo Pereira da Silva Porto e Dulce Julieta Rangel Porto, Sérgio teve três filhas – Ângela, Gisela e Solange – com Dirce. Ao lado de Elza, sua companheira até falecer, viu crescer os quase enteados Arthur e Augusto Cesar. Iniciou sua carreira no final dos anos 40, atuando em publicações como as revistas *Sombra* e *Manchete* e os jornais *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa* e *Diário Carioca*. Mais tarde, ficaria conhecido sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, inspirado no herói Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade.

Em 1954, quando o jornalista Maneco Müller, o Jacinto de Thormes, publicou na *Manchete* a lista



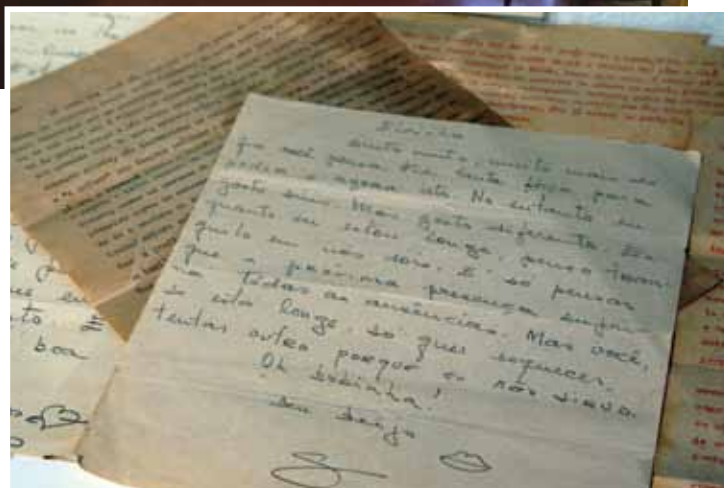
**A mostra, organizada pelo Instituto Cultural Cravo Albin, revelou um rico e diversificado material, a começar pelo manuscrito original do Samba do crioulo doido, lançado pelo Quarteto em Cy em 1968**



Ricardo Cravo Albin manuseando um dos cachimbos ingleses na exposição, doados pelos irmãos Arthur e Augusto César, filhos de Elza



Caricaturas, bilhete escrito pelo presidente JK quando Sérgio estava doente, manuscritos de livros e peças, reportagens, fotos ao lado de nomes como Monsueto, Sílvio Caldas e Carlos Machado, cartas de amor para a namorada Elza, entre várias preciosidades compuseram outras peças magníficas da exposição



das “Mulheres Mais Bem Vestidas do Ano”, o gaiato Stanislaw replicou com a invenção das “Mulheres Mais Bem Despidas do Ano”, título logo substituído pelo politicamente menos problemático “As Certinhas do Lalau”, para eleger a musa da temporada. Até 1962, contabilizaram-se 142 selecionadas, do quilate de Aizita Nascimento, Betty Faria, Carmen Verônica, Íris Bruzzi, Miriam Pérsia, Norma Bengell, Rose Rondelli, Sônia Mamede e Virgínia Lane.

Além de escrever para imprensa, rádio, televisão (a qual chamava de “máquina de fazer doido”) e teatro, celebrizou em seus livros personagens como Tia Zulmira e Primo Altamirando. E inscreveu de vez seu nome no panteão dos grandes observadores da vida nacional com o Festival de Besteiras que Assola o País. O antológico Febeapá, série publicada entre 1966 e 1968, configurava uma sátira implacável ao regime militar, a partir de casos absurdos envolvendo mandos e desmandos das autoridades de então.

Sob a forma de diligentes notas jornalísticas, ele noticiava, por exemplo, a decisão do governo de prender o autor grego Sófocles, morto há séculos, devido ao conteúdo considerado subversivo de um espetáculo encenado à época. Outras pérolas: “No mesmo dia em que o governo resolvia intervir em todos os sindicatos, mandava uma delegação à 16ª Sessão do Conselho de Administração da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra. Ao Brasil caberia exatamente fazer parte da Comissão de Liberdade Sindical. Na mesma ocasião, um time da Alemanha Oriental vinha disputar alguns jogos aqui e, então, o Itamaraty distribuiu uma nota avisando que eles só jogariam se a partida não tivesse cunho político. Em Mariana (MG), um delegado de polícia proibia casais de se sentarem juntos na única praça namorável da cidade, baixando portaria, dizendo que moça só podia ir ao cinema com atestado dos pais. Em Belo Horizonte, um outro delegado distribuía espões pelas arquibancadas dos estádios. Dali em diante, quem dissesse mais de três palavrões ia preso.”

Sérgio Porto foi, ainda, um craque das comparações hilariantes, como “mais feia do que mudança de pobre, mais murcho do que boca de velha e mais inchada do que cabeça de botofo-guense”. Tricolor, morreu de infarto, aos 45 anos, no dia 30 de setembro de 1968, e assim traçou seu próprio perfil:

## Autorretrato do artista quando não tão jovem

Sérgio Porto, por Sérgio Porto

**“ATIVIDADE PROFISSIONAL:** Jornalista, radialista, televisista (o termo ainda não existe, mas, a atividade, dizem que sim), teatrólogo ora em recesso, humorista, publicista e bancário.

**OUTRAS ATIVIDADES:** Marido, pescador, colecionador de discos (só samba do bom e jazz tocado por negro, além de clássicos), ex-atleta, hoje cardíaco. Mania de limpar coisas tais como livros, discos, objetos de metal e cachimbos.

**PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES:** Mulher.

**QUALIDADES PARADOXAIS:** Boêmio que adora ficar em casa, irreverente que revê o que escreve, humorista a sério.

**PONTOS VULNERÁVEIS:** Completa incapacidade para se deixar arrebatado por política. Jamais teve opinião formada sobre qualquer figurão da vida pública, quer nacional, quer estrangeira.

**ÓDIOS INCONFESSOS:** Puxa-saco, militar metido a machão, burro metido a sabido e, principalmente, racista.

**PANACEIAS CASEIRAS:** Quando dói do umbigo para baixo: Elixir Paregórico. Do umbigo para cima: aspirina.

**SUPERSTIÇÕES INVENCÍVEIS:** Nenhuma, a não ser em véspera de decisão de Copa do Mundo. Nessas ocasiões comparativamente qualquer pai de santo é um simples cético.

**TENTAÇÕES IRRESISTÍVEIS:** Passear na chuva, rir em horas impróprias, dizer ao ouvido de mulher besta que ela não é tão boa quanto pensa.

**MEDOS ABSURDOS:** Qualquer inseto taludinho (de barata para cima).

**ORGULHO SECRETO:** Faz ovo estrelado como Pelé faz gol. Aliás, é um bom cozinheiro no setor mais difícil da culinária: o trivial.

Assinado: Sérgio Porto, agosto de 1963. ■■